

LUIZ ARTUR FERRARETTO

FERNANDO MORGADO

**DEZ PASSOS
PARA O ENSINO
EMERGENCIAL
NO RÁDIO
EM TEMPOS
DE COVID-19**


UFRGS

ner
~~~~~

VÁLEGA



NÚCLEO  
DE ESTUDOS  
DE RÁDIO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Programa de Pós-graduação em Comunicação

*Coordenador*

Luiz Artur Ferraretto (UFRGS)

*Coordenador-adjunto*

Fernando Morgado (Faculdades Integradas Hélio Alonso)

*Integrantes*

Flavio Bandeira (PPGCOM/ UFRGS)

Guilherme Jancowski de Avila Justino (PPGCOM/ UFRGS)

Gustavo Monteiro Chagas (PPGCOM/ UFRGS)

Luize Baini (PPGCOM/ UFRGS)

Marcelo Esperança Xavier (PPGCOM/ UFRGS)

Paloma da Silveira Fleck (PPGCOM/ UFRGS)

Ramiro Barcelos, 2705 – Sala 307

Campus Saúde

90035-007 – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

[nucleodeestudosderadio@gmail.com](mailto:nucleodeestudosderadio@gmail.com)

[facebook.com/nergrupodepesquisa](https://facebook.com/nergrupodepesquisa)

[nerufrgs.blogspot.com](http://nerufrgs.blogspot.com)

Aos professores em sua luta pelo ensino durante a pandemia de covid-19.

“Ensine quem souber, o que souber, a quem não souber.”

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas & Opiniões.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 out. 1954. p. 5.



**PONTO  
DE PARTIDA**

Ao produzir este *Dez passos para o ensino emergencial no rádio em tempos de covid-19*, o Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) convida você, professora ou professor, a usar um instrumento simples em termos de educação a distância. A ideia é aplicar o conhecimento gerado pelo NER na resolução de um problema específico deste momento de enfrentamento da covid-19: **a necessidade de atenuar o impacto da pandemia sobre estudantes, em especial as e os de baixa renda e sem acesso ou de acesso reduzido à internet**. Consciente do poder do rádio em termos de inclusão social, o núcleo recomenda o uso do meio como **a forma mais acessível, barata e natural de conexão entre os seres humanos**. Afinal, na atualidade, a base do conteúdo das transmissões é a **conversa**. Em torno do seu uso, o NER procurou estruturar uma proposta simples para diminuir o efeito da ausência de aulas presenciais para boa parte das e dos estudantes ou da impossibilidade de uma parcela ter acesso a conteúdo ministrado usando-se a combinação de aplicativos, celulares, internet e redes sociais.

Antes de continuar, é bom que você entenda o que é o NER. Trata-se de um grupo certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Foi criado em 2016, dentro do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, em Porto Alegre. Desde 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde alterou o status do surto do novo coro-

navírus para o de pandemia, o núcleo passou a concentrar esforços na certeza de que da comunicação depende também o sucesso da área da saúde e a superação geral pela sociedade da série de obstáculos criados pela doença. Uma dessas barreiras é a suspensão das aulas nas escolas, em especial, públicas.

Na linha de oferecer soluções para problemas da sociedade, o NER produziu o livro digital Covid-19 e comunicação, *um guia prático para enfrentar a crise* distribuído gratuitamente via internet. Lançada em 13 de abril de 2020, a obra atingiu em três meses quase 6.000 downloads no total das três versões que seguem disponíveis nos endereços: <http://bit.ly/livroner> (português), <http://bit.ly/libroner> (espanhol) e <http://bit.ly/nerbook> (inglês). Dando continuidade ao seu trabalho com foco social, o NER propõe, agora, um modelo simples e de baixo custo para o uso do rádio como auxiliar mais direto no processo formal de educação. Parte-se da ideia de que o meio pode tanto ser uma ferramenta para o **ensino emergencial** – aulas propriamente ditas – quanto no **apoio à educação em geral** para que, mesmo sem acesso à internet, estudantes mantenham um razoável vínculo com o aprendizado e com o conhecimento.

O Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS tem consciência de que usa um mínimo de possibilidades oferecidas pela linguagem sonora. O NER procurou criar um paliativo que procura explorar as qualidades intrínsecas de qualquer professora ou professor: conhecer anseios e dificuldades de estudantes, falar imaginando um diálogo constante, estar acostumado a lidar com as dificulda-

des do ensino em um país subdesenvolvido, saber como apresentar ideias e proposições, trabalhar com exemplos simples para chegar a conceitos mais sofisticados, ter domínio do conteúdo ou usar de criatividade como fonte de superação de problemas. Tudo isso remete a algo comum nas emissoras de rádio. **O comunicador fundamenta a sua atividade em uma espécie de improviso estruturado.** Parece contraditório, não é? Cada palavra dita não corresponde necessariamente a algo previamente escrito – daí o *improviso* –, mas a condução da fala orienta-se por uma espécie de roteiro elaborado antes da transmissão – de onde se explica o *estruturado*.

Portanto, na sequência, você não vai encontrar sugestões de uso do que é inacessível neste momento de pandemia: atores e atrizes, locutores, efeitos sonoros, roteiros, trilhas musicais elaboradas... **A atuação em uma emissora aparece reduzido a algo que, como os comunicadores radiofônicos, também qualquer profissional de ensino conhece muito bem: a constante alteração entre uma espécie de palestra e algo próximo de bate-papo.** Afinal, há décadas, o rádio se configura como um companheiro imaginário para os seus ouvintes. Não é como companheiro também que uma professora ou um professor posicionam-se ao conduzir alunas e alunos no caminho do conhecimento?

São dez passos simples. O NER não vai lhe ensinar a dar aula. Isso você já sabe. A ideia é lhe auxiliar a compreender melhor uma ferramenta que pode ser essencial neste momento: o rádio. Então, vá em frente. E, com tranquilidade, dê um passo de cada vez.





**(1) CONHEÇA  
COMO FUNCIONA  
O RÁDIO**

Do final do século passado até a atualidade, o rádio não mudou e, ao mesmo tempo, mudou muito. Você segue escutando aquele programa jornalístico que, nas primeiras horas da manhã, traz as principais informações do dia que está começando. Pode optar por algum comunicador mais popular ou com foco no jovem. Fala e música convivem em muitas emissoras. É a comunicação ao vivo, no entanto, que garante a ponte do rádio para as redes sociais com o pessoal ao microfone incitando, constantemente, o ouvinte a participar fornecendo informações ou dando opiniões. A presença do público e a coloquialidade tomaram conta do *dial*. A mensagem alegre, entristece, informa ou irrita. E você, em pensamento ou palavra, responde ao dito pelo comunicador e, na sua imaginação, *conversa* com aquela figura que está distante, lá na emissora.

Hoje, o rádio não é apenas a recepção que ocorre simultaneamente com a transmissão. Você pode optar por um *podcast*, aquele arquivo que fica disponível em aplicativos via internet e que pode ser escutado quando houver disponibilidade de tempo. Desde os anos 1960, os pesados aparelhos valvulados foram dando lugar aos receptores transistorizados e a pilha, inaugurando a portabilidade do radinho que acabou absorvido, como *chip* e *software*, pelo celular. As emissoras podem ainda ser sintonizadas em autorrádios, computadores, *notebooks*, radiorelógios, serviços de TV por assinatura ou *tablets*. Em todas essas variedades de alternativas, uma situação se repete. **O caráter sonoro da mensagem permite que o ouvinte realize outra atividade em paralelo à escuta.**

É uma grande vantagem em relação a outros meios. Só que o comunicador precisou aprender a disputar a atenção com o ambiente onde a sua audiência está inserida.

O rádio não mudou porque, desde os anos 1960, conversa com o ouvinte e o acompanha no dia a dia. Ao mesmo tempo, o rádio mudou porque se adaptou às tecnologias que foram surgindo. Só que, **em meio a tantas alternativas para recepção do conteúdo de uma emissora, você e a sua aluna ou o seu aluno precisam apenas de um radinho de pilha, algo barato e simples.** Certamente, perde em interatividade para opções baseadas na internet, mas pode ser a única opção viável para parcelas mais pobres da população que, mesmo possuindo um celular, dependem de Wi-Fi em lugares públicos para o acesso à rede.



**(2) NÃO TENHA  
MEDO DE FALAR  
AO MICROFONE**

O que pode intimidar você em um estúdio ou em uma conversa pelo rádio? A resposta mais usual está associada ao som da sua própria voz. Todo mundo estranha quando grava uma fala pela primeira vez e vai ouvi-la. Há aquela sensação de estranhamento, de uma voz que não é a sua própria. Bate, então, uma ideia presente na cultura popular, a de que é preciso ter um vozeirão para falar ao microfone. O hábito de enviar mensagens de áudio vai, aos poucos, deixando essas sensações no passado. Portanto, primeiro, conscientize-se: cada pessoa possui uma voz com formas particulares de articulação que, mesmo dentro de padrões comuns à maioria dos seres humanos, diferenciam uns dos outros. **E falar claramente é muito mais importante do que possuir um vozeirão.** Segundo, por desconhecimento, é usual que, ao ouvir a sua voz gravada, você estranhe o som registrado. Ocorre que, na natureza, cada um escuta a sua própria voz de forma diferente do que as demais pessoas a escutam. Parece óbvio, mas você não se dá conta: sua boca está entre e à frente dos ouvidos, fazendo com que a voz se projete no ambiente e retorne, fora ser recebida também pela parte interna do crânio e sentida pelo cérebro ao emitir os impulsos para a produção da fala. Assim, ao microfone, siga sendo quem você é na sala de aula.

**Tenha clara a diferença entre voz – os sons emitidos a partir da laringe humana – e a fala – um processo mais elaborado em que se faz necessária uma articulação de sons para formar palavras.** A voz na forma da fala constitui-se no principal instrumento de comunicação do ser humano, ao qual se acrescentam, no contato face

a face, a expressão facial, os gestos e a postura. **Se na sala de aula e no dia a dia você gesticula, faça o mesmo ao falar em rádio.** Vai soar com a naturalidade habitual e dar mais confiança a quem estiver ouvindo. **Lembre-se que a forma como se fala atribui também significado à palavra.** Uma mesma frase pode expressar algo do ponto de vista do conteúdo das suas palavras em si ou, por exemplo, com um acento irônico, referir-se justamente ao contrário. Como se trata de um processo com interatividade relativa, aconselha-se que sejam evitados duplos sentidos ou ironias. Dificilmente, em caso de dúvida, você terá a chance de esclarecer isso para suas alunas ou seus alunos.

Você pode ainda estar com algumas dúvidas e até inseguranças. Quem tem pouca experiência em rádio pode se deixar intimidar até pelo ambiente da emissora. Talvez fique com medo ou receio de errar, esquecer de algo, não estar preparado, rir ou ser criticado. De fato, sem que você perceba, todas essas situações já ocorrem no seu cotidiano. Você nunca gaguejou ou trocou uma palavra por outra dando aula? Pode acontecer o mesmo ao microfone. A **coloquialidade reinante no rádio** de hoje aceita isso com naturalidade. Não se estresse por tão pouco.

Dessa naturalidade, também faz parte não falar alto nem baixo, mas sim com uma intensidade adequada. Vale o mesmo para a velocidade, que deve se adaptar à necessidade.

Agora que já se deu conta das similaridades da proposta do NER com o já feito por você em termos de fala em aula, preste atenção em mais duas dicas simples antes de dar o próximo passo

(1) Quem fala no rádio precisa postar-se de modo adequado. Sentar corretamente facilita a respiração e, por consequência, o uso da voz. A distância entre o microfone e você deve corresponder ao equivalente a um palmo.

(2) Quando estiver ao microfone, evite provocar ruídos desagradáveis como o de folhas de papel roçando umas nas outras ou os provocados por pulseiras.

Pronto! Siga em frente.



**(3) NÃO FALE  
SOZINHO**



No rádio comercial, um programa pode ser tudo menos chato. Não significa que, por exemplo, no jornalismo, se omitam notícias para agradar os ouvintes. Os fatos são os fatos e a necessidade de sua narrativa se impõe. É mais ou menos o que vai acontecer com o seu conteúdo. Você sabe. Há alunos que gostam de geografia e detestam matemática e vice-versa. Em sala de aula, você tem recursos que facilitam o aprendizado. Pode ser apenas o bom e velho quadro negro – ou verde – com giz ou o branco com pincéis marcadores. No rádio em tempos de pandemia e de forma emergencial, tudo fica reduzido à fala e ao uso de algumas canções, talvez de áudios que você consiga obter na internet. Nesse último caso, cuidado com os direitos sobre tais materiais. Existe, no entanto, uma forma de atenuar o problema. É o que gente vai sugerir para você e as suas e os seus colegas. **Formem duplas ou trios de professores. O monólogo vira conversa.** Afastam-se as possibilidades das e dos estudantes associarem a irradiação a um discurso, a uma palestra ou a um sermão.

**Na formação desses grupos de docentes, sugere-se que sejam respeitadas diversidades étnicas e de gênero.** Fora a lição básica de cidadania embutida no processo, vocês – a gente pode, agora, usar o plural – vão obter, com certeza, mais empatia por parte das e dos estudantes. Duplas ou trios podem incluir professores de uma mesma área ou de áreas diversas. **Dá para ensaiar abordagens interdisciplinares ou multidisciplinares.** Se houver a possibilidade, esse programa de rádio pode transbordar para um grupo de WhatsApp. Existindo tal nível de inclusão digital, alunas e alunos podem participar com áu-

dios gravados ou até entrar ao vivo. Como em uma aula, tudo, obviamente, precisa ser planejado com antecedência. Quem chega na frente do microfone e sai falando sem uma organização prévia rende muito menos. Vale para o rádio e vale, ainda mais, para as aulas de vocês por meio do rádio.

Sobre o uso da voz, base do rádio, é interessante que vocês tenham uma noção da sua função no rádio, meio no qual é preciso criar imagens na sensorialidade de quem ouve. É a palavra que fornece dados, constrói a narrativa no espaço e no tempo, descreve cenários e protagonistas de situações ou defende ideias e opiniões. Já a música pode ser usada como ilustração de um dado conteúdo.

Nesse modelo de programa sugerido, um recurso pode ser a entrevista com pessoas que podem ilustrar a temática abordada. Vale como depoimento em si. Vale como complemento. Com certeza, se essa pessoa for bem escolhida, vai melhorar bastante o nível de atenção das e dos estudantes em relação ao conteúdo.



**(4) BATA PAPO  
COM A TURMA**

Como nas suas aulas ou em qualquer outro processo de contato do ser humano com alguma informação, a comunicação é o que acontece na cabeça do outro. Nesse processo, **é necessário conhecer bem o público para o qual se destina o conteúdo.** Na sala de aula, mesmo com o contato face a face, já se trata de um processo complicado. Com docentes e estudantes distanciados, a situação pode piorar um pouco.

Ao falar ao microfone, sem a reação de rostos a indicar dificuldades e facilidades de compreensão, vocês precisam ter uma ideia de perfil médio das e dos estudantes. É necessário construir essa ideia em conjunto com colegas da mesma unidade de ensino e/ou que atendam uma série ou grupo específico. Assim, fica mais fácil reduzir os ruídos na comunicação, ou seja, as interferências indesejáveis no processo de transmissão da mensagem.

Obviamente, tendo claro quem se posiciona como os interlocutores de vocês, pode-se mitigar um pouco a ausência de um diálogo mais efetivo. **Como fazem os comunicadores, vocês precisam fingir que conversam com o seu público, criando uma espécie de bate-papo imaginário com alunas e alunos.**



**(5) EXPLORE  
O AMBIENTE  
DOS ALUNOS**

Se é preciso ter em mente qual o público médio da transmissão, também se faz necessário considerar em que ambiente essa audiência está inserida. Trata-se de algo fundamental. As e os estudantes não vão estar em uma sala de aula preparada, mesmo com as dificuldades do ensino brasileiro, como um local onde se busca ter o foco concentrado no conteúdo. Vocês devem compreender que existe uma dificuldade básica do rádio. **Qualquer programa disputa atenção com o ambiente no qual o público está inserido.** Procurem colocar, então, esse contexto de escuta de alunas e de alunos a seu favor, trazendo-o para dentro da transmissão. Reconheçam isso, conversando simbolicamente com as e os estudantes: “Vocês que estão escutando a gente em suas casas, cuidando do irmãozinho menor enquanto a mãe foi para o trabalho...”. Se for possível, transformem tal ambientação em situações de ensino e de aprendizagem. **Rádio e educação são atividades que se movem entre a arte e a técnica.** Existe a maneira usual para captar a atenção da ou do ouvinte-estudante na abordagem deste ou daquele tema. Há também uma forma criativa para fazê-lo, procurando obter o maior rendimento possível.

**Não esqueçam: a atenção é variável ao longo de uma transmissão radiofônica.** Chamamentos ao diálogo imaginário buscam fazer que a audiência passe de uma atitude mais passiva para outra mais ativa. É o que alguns especialistas chamam de *atenção concentrada*. A ou o ouvinte-estudante flui, assim, da simples percepção do som para a compreensão do que está sendo irradiado, assimilando a mensagem ao prestar atenção, escutando realmente o que é falado.



**(6) VÁ DIRETO  
AO ASSUNTO**

Trata-se de algo óbvio, mas que pode passar despercebido por quem não é radialista. **A mensagem do meio é altamente fugaz ou volátil.** Feita para ser consumida enquanto ocorre a transmissão, vai deixando de existir à medida que se dá o seu repasse ao público. Não é à toa que Walter George Dürst descrevia o ato de fazer TV “como escrever na água”. A frase algo poética do grande autor de novelas e especiais de televisão vale igualmente para o rádio. Imaginem que vocês estão com um livro em suas mãos. Ao ser lida e enquanto você passa ao vocábulo seguinte, cada palavra desaparece. É assim que o rádio funciona. Apenas uma parte da mensagem vai permanecer na cabeça de quem ouve. Para que vocês tenham uma ideia, uma pesquisa indicou que, três horas após a escuta, apenas 60% de um conteúdo baseado na fala eram retidos pelo público e que, três dias depois, esse percentual reduzia-se a 10%. Considerem ainda que, se um dado se perde, torna-se irrelevante. Lembrem que vocês disputam atenção com o entorno de quem está na escuta e que, dificilmente, alguém retoma a escuta de um programa (para tanto, há que considerar a disponibilização desse conteúdo na internet e a possibilidade de acesso por parte do ouvinte, além da sua vontade em buscar esse recurso).

Como vocês contornam, então, tais dificuldades?

É simples. Trata-se de algo feito todos os dias e a todo momento ao microfone das estações de rádio. **Vocês precisam ir direto ao assunto, descrevendo-o com começo, meio e fim.** Há uma lógica interna a ser preservada. Procurem, portanto, esgotar cada subtema dentro do assunto central, antes de passar para o próximo. Tenham



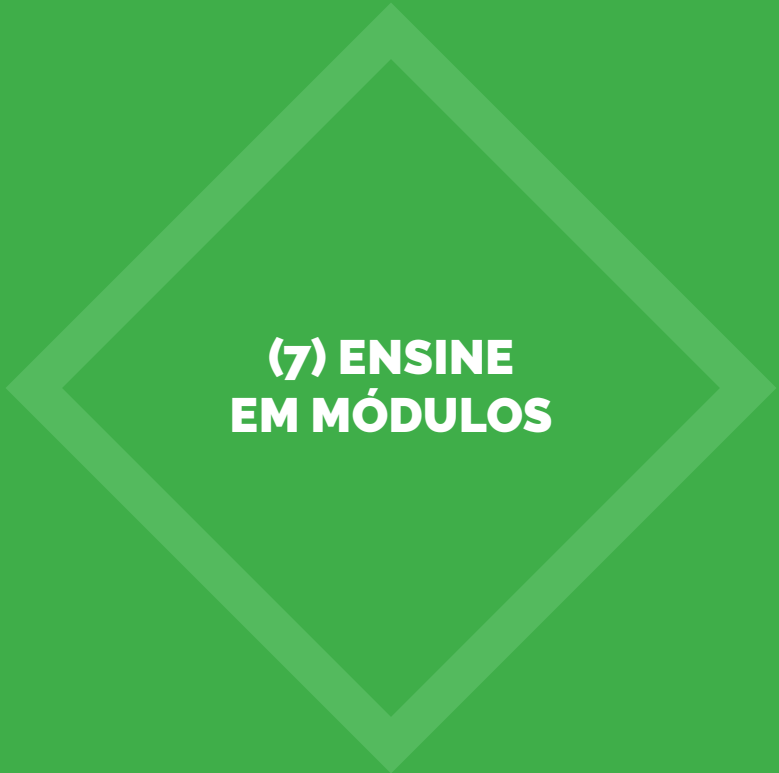
em mente que tudo é feito para ser ouvido. **Falem com simplicidade.** Lembrem-se que existe um hábito de escuta construído há décadas e baseado em uma linguagem intermediária entre a culta e a coloquial. Nesse processo, valem ser destacados alguns pontos:

(1) Nunca utilizem duas palavras, se vocês podem usar apenas uma.

(2) A força da informação está no modo como vocês usam substantivos e verbos e não na utilização de adjetivos.

(3) Prefiram a ordem direta: sujeito + verbo + complemento.

Agora, seguindo o descrito antes, a gente considera que vocês já conhecem os limites e as possibilidades do rádio, as formas de se portar ao microfone e a importância de considerar estudantes em seu contexto de escuta. Antes de continuar para o próximo passo, reflitam sobre o papel da simulação de conversa nesta proposta de uso emergencial do rádio para a educação. E observem como tal uso procura se aproximar da realidade da sala de aula.



**(7) ENSINE  
EM MÓDULOS**

O ensino aporta o conteúdo. Cabe ao rádio adaptá-lo às formas usuais da mensagem radiofônica. Para muita gente, por medo de alguma exposição pública proporcionada pelo rádio, a primeira reação ao saber que precisa usar o meio seja recorrer ao texto escrito para ser lido ao microfone. Esqueça. Trata-se de algo que ficou no passado do rádio e, na atualidade, está presente apenas em noticiários das emissoras, embora tenha ressuscitado nos roteiros de teatralizações em algumas séries de *podcasts*. Lembrem do que foi reforçado há pouco. Na base do modelo aqui proposto, está a simulação de conversa. Não se trata de um bate-papo de mesa de bar, daqueles em que os temas se sucedem aleatoriamente. **Precisa ser uma comunicação planejada. Lembrem do que foi dito lá no início sobre *improviso estruturado*. É exatamente disso que se trata. A partir de um eixo colocado no papel, vocês vão se comunicando com as e os ouvintes-estudantes.**

Agora, pensem como distribuir o conteúdo. Programas de rádio são, na maioria das vezes, divididos em blocos. A forma mais comum inclui 12 a 13 minutos de conteúdo com 2 a 3 minutos de intervalo. Isso também determina certa cultura de escuta. Sem imagem, vocês escutariam com a mesma atenção meia hora ou uma hora de fala contínua? Talvez nem com imagem fosse manter o foco no que é dito. Portanto, **sugere-se que, no caso do *ensino emergencial*, o conteúdo seja dividido em módulos de 5 a 10 minutos dentro de uma emissão de 30 minutos a uma hora de duração total.** Comecem explicando as linhas gerais do que será falado e terminem relembando o que é essencial em termos de aprendizado. Pelo seu per-

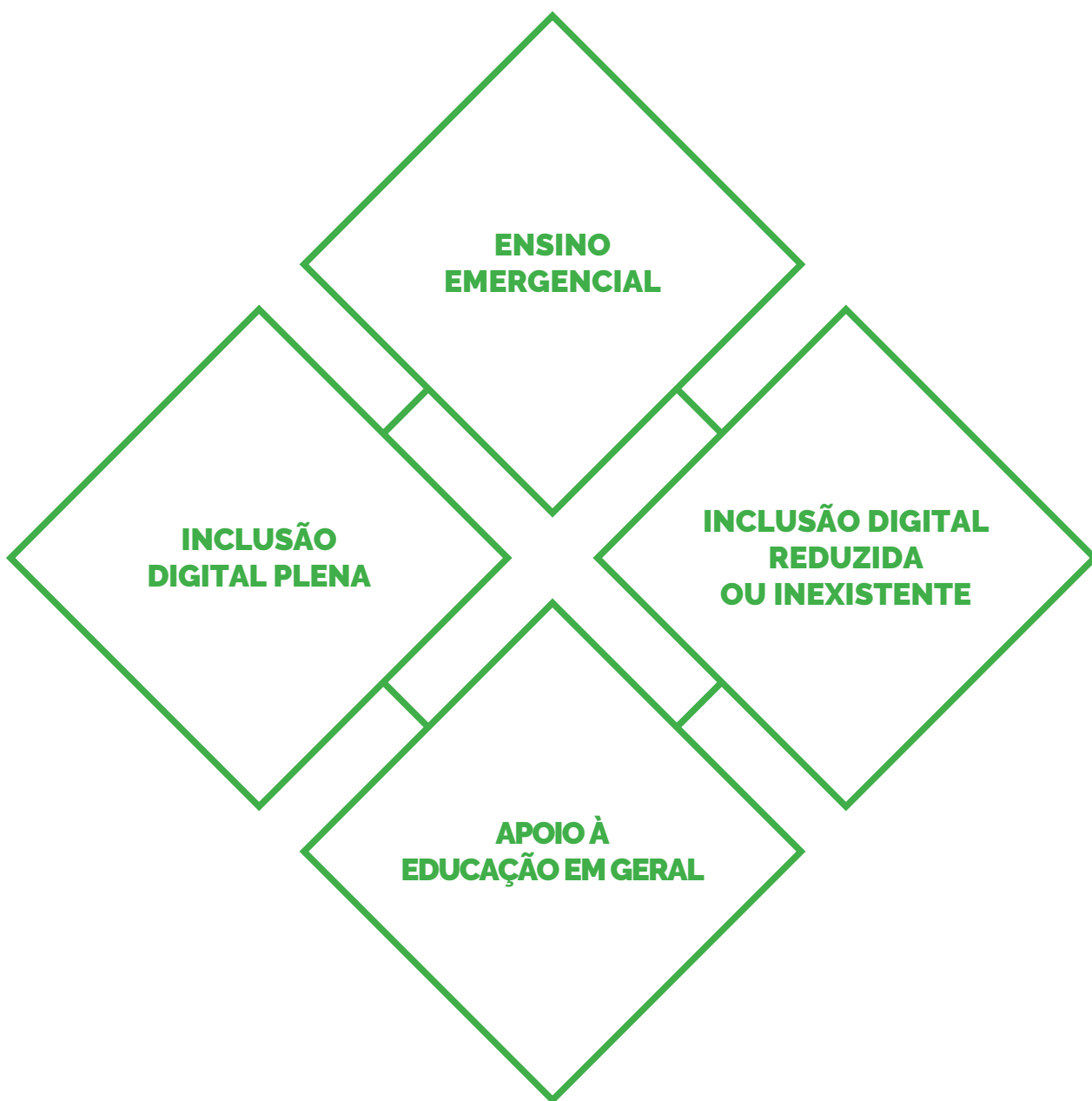
fil de estudantes, caso a temática seja considerada muito difícil, alternem módulos de uma disciplina com os de outra. Se necessário, no entanto, não tenham pudor de ir de um tema mais simples para um mais complexo na sequência de módulos de uma mesma matéria. Caso o uso do rádio seja um *apoio à educação em geral*, o ideal é que, dentro da programação das emissoras, destinem-se espaços de até 10 minutos para uma entrevista com uma professora ou um professor, abordando algum tema relacionado ao currículo, mas de interesse mais geral.



**(8) PARE E PENSE**

Em qualquer atividade comunicacional, é preciso analisar o que está sendo feito, procurando verificar anseios e dificuldades do público. Portanto, **a cada passo, é necessário analisar o que está foi realizado e quais foram os resultados obtidos**. Olhem para o caminho percorrido e para o que está à frente. No caso de vocês, os ouvintes são estudantes, pessoas em processo de aprendizado. Dentro do possível, ter um retorno sobre a eficácia do apresentado é importantíssimo para que se corrijam alguns problemas. Não se está falando aqui da avaliação do aprendizado. Trata-se da **autoavaliação do lado de quem emitiu o conteúdo**, de vocês, as professoras e os professores envolvidos.

Como já explicado, o aqui proposto constitui-se em um modelo genérico. Cabe a vocês e aos seus colegas adaptá-lo, identificando a necessidade ou não de apoios para que o aprendizado se realize. Foram considerados quatro marcos entre os quais a atuação de vocês vai transitar. Esses marcos estão reunidos na página seguinte.



Quanto menor a inclusão digital, mais urgente e importante é o uso do rádio. Fique claro isso.

No passo seguinte, a gente reforça algo fundamental no rádio e no ensino ao microfone: há que ter certo nível de redundância (estratégia que, de certo modo, também foi adotada ao longo deste guia).



**(9) SEJA REDUNDANTE**



Até agora, vocês viram como, com medidas simples, organizar o conteúdo da sua disciplina para que se transforme minimamente em uma mensagem radiofônica. Por que “minimamente”? Porque o rádio, havendo recursos de produção disponíveis, pode fazer muitíssimo mais em termos de educação do que o aqui proposto. Tais condições inexistem em função da pandemia e da urgência de dar uma resposta rápida ao problema da ausência de aula. Usar a conversa como base é uma solução acessível, barata e possível neste momento. No entanto, para que a comunicação realmente se efetive na cabeça de alunas e de alunos, a gente recomenda recorrer a mais um artifício. **Com bom senso, sejam redundantes em alguns momentos.** Por exemplo, como em uma boa aula, ao iniciar a transmissão, expliquem os pontos que serão tratados. Em dado momento, lembrem o que foi explicado até aquele ponto. Façam isso tantas vezes quanto a experiência e o traquejo de vocês recomendar. A gente mesmo, ao longo deste guia, foi fazendo isso. Volte alguns passos e observe.



**(10) COMECE  
TUDO DE NOVO**

Qualquer processo de trabalho exige planejamento e análise do que foi executado. É assim com o rádio. É assim com o ensino. Quem melhor conhece a realidade de uma turma de estudantes do que suas professoras e seus professores? **A cada novo programa como a cada nova aula – estão mesclados, não é isso? – saibam que vocês vão precisar recomeçar.** Se os passos anteriores foram dados com sensatez, o recomeço será apenas uma consequência.



**PONTO  
DE CHEGADA**

O Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS tem consciência – a gente vai repetir – de que o modelo descrito nesses dez passos é um paliativo em tempos de crise. Foi baseado na conformação do meio rádio ao longo de décadas de serviço à população, levando companhia, entretenimento, notícias, orientações, opiniões ou utilidade pública à população. Simplificado, pode ser resumido assim:

#### *Ensino emergencial*

- ◆ Programas baseados na conversa com duração de 30 minutos a uma hora.
- ◆ Conteúdo dividido em módulos e 5 a 10 minutos.
- ◆ Apresentação em duplas ou trios em uma conversa do tipo improvisado estruturado.
- ◆ Se houver possibilidade, com participação eventual de estudantes e entrevistados.

#### *Apoio à educação em geral*

- ◆ Entrevistas com docentes dentro da programação normal das emissoras, abordando temas curriculares, mas procurando relacioná-los ao cotidiano.



# **REFERÊNCIAS**

ESPINHEIRA, Ariosto. *Rádio e educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1934. p. 18. (Biblioteca da Educação, 23).

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014. 272p.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*. Rio de Janeiro: Válega, 2020. 62p. Disponível em: <<http://bit.ly/livroner>>.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramón. *Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2005. 218p. (Colección Comunicación).

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; MORENO, Elsa (Coord.). *Programación radiofónica: arte y técnica del diálogo entre la radio y su audiencia*. Barcelona: Ariel, 2004. 386p.

MORGADO, Fernando. Nunca foi tão moderno valorizar a história da TV. *Na Telinha*, São Paulo, 12 jun. 2020. Disponível: <<https://natelinha.uol.com.br/colunas/coluna-especial/2020/06/12/nunca-foi-tao-moderno-valorizar-a-historia-da-tv-146312.php>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

ROMO GIL, María Cristina. *Introducción al conocimiento y práctica de la radio*. México: Diana, 1994. 122p.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas & Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 out. 1954. p. 5.



**LUIZ ARTUR  
FERRARETTO**



Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mesma instituição onde atua como professor no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-graduação em Comunicação. Coordenador do Núcleo de Estudos de Rádio, grupo de pesquisa certificado pela UFRGS junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Com a jornalista Elisa Kopplin Ferraretto, escreveu *Técnica de redação radiofônica* (1991) e *Assessoria de imprensa, teoria e prática* (7ª edição em 2009). São de sua autoria: *Rádio – O veículo, a história e a técnica* (3ª edição em 2007), *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais* (2002), *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20* (2007) e *Rádio – Teoria e prática* (2014). Com Fernando Morgado, produziu *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*. Participa de antologias com ensaios sobre Comunicação e publica artigos em revistas científicas da área. Concentra suas pesquisas na história e no futuro dos meios de comunicação, em especial analisando o rádio comercial. Na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), coordenou o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora (2007-2010). Como jornalista, foi repórter da Rádio Gaúcha (1986-1991) e gerente de Radiojornalismo, em Porto Alegre, do Grupo Bandeirantes de Comunicação (1994-1995). Somam-se à sua experiência profissional, ainda, trabalhos em assessoria de imprensa, jornalismo impresso e televisão. No Rio Grande do Sul, ganhou vários prêmios, como o da Associação Rio-grandense de Imprensa – primeiro lugar em Radiojornalismo (1994) e menção honrosa em Produção Radiofônica (1995) –, o da Brigada Militar – primeiro lugar em Rádio (1994) – e o Sebrae de Jornalismo Econômico – menção honrosa em Rádio (1995). Por sua contribuição ao jornalismo gaúcho, recebeu a Medalha Alberto André (2018), outorgada pela Associação Rio-grandense de Imprensa. Na internet, mantém a página *Uma História do Rádio no Rio Grande do Sul* – <http://www.radionors.jor.br> –, dedicada à valorização da memória do meio. E-mail: [luiz.ferraretto@ufrgs.br](mailto:luiz.ferraretto@ufrgs.br).



**FERNANDO  
MORGADO**

Mestre em Gestão da Economia Criativa (2017), especialista em Gestão Empresarial e Marketing (2012) e graduado em Design com Habilitação em Comunicação Visual e Ênfase em Marketing (2008) pela Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro. Professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha). Professor convidado da Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco (México), da Escuela de Diseño del Instituto Nacional de Bellas Artes (México), da ESPM-Rio e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Possui livros publicados no Brasil e no exterior, destacando-se o best-seller *Silvio Santos: a trajetória do mito* (5ª edição em 2017). Publicou ainda: *Comunicadores S.A.* (2019), *Cómo hacer presentaciones exitosas* (2017) e *Blota Jr.: a elegância no ar* (2015). Com Luiz Artur Ferraretto, produziu *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*. Tem artigos publicados em diferentes países e colaborou com várias obras. Assessor do Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Estado de Santa Catarina (SERT/SC). Membro da Academy of Television Arts & Sciences, entidade realizadora do Emmy, maior premiação da TV mundial. Coordenador-adjunto do Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador associado do Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação (Lembrar) da ESPM-Rio. Atuou na área de inteligência de mercado do Sistema Globo de Rádio, onde também participou do planejamento estratégico e integrou o Comitê de Programação da Rádio Globo. Foi consultor do canal de TV Shoptime (B2W Digital) e da Federação Nacional das Empresas de Rádio e Televisão (Fenaert). Na internet, mantém o site <http://fernandomorgado.com>.

